

Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força. As palavras de George Orwell extraídas de 1984, livro publicado originalmente em 1949, parecem definir o tempo em que vivemos. A todo instante somos bombardeados com informações sobre o atual conflito da humanidade, a Guerra contra o invisível e ainda indecifrado Covid-19. Na Guerra dos dias de hoje as mídias sociais são um novo front.

Nessas trincheiras os algoritmos ditam o ritmo. As mídias sociais transformaram o acesso à informação, mas entre seus efeitos deletérios a produção das *eco-chambers* como descritas por Cass Sunstein[1] é um dos mais visíveis. Se por um lado temos acesso a informação por um simples toque em nossos smartphones essa informação não nos é de toda fornecida da mesma maneira Há muito se descreve as possíveis falhas nos algoritmos. Há pouco se estuda uma maneira de regulá-los.

No nosso tempo a informação nos é ditada por nossas próprias opiniões e o espaço a uma posição mais crítica quanto aos algoritmos e seu design necessários. Preconceitos e outros vieses humanos são reproduzidos e ditam, em certa medida, um mau comportamento dos algoritmos. O Covid-19 é, sem dúvidas, a primeira pandemia em uma sociedade digitalizada. Por esse motivo seria possível esperar que a informação pudesse ser ponto de tranquilidade, no entanto, o que se vê nas mídias sociais é um contexto de espetáculo.

A informação é privatizada, não há apenas a participação passiva na comunicação, não há hierarquia, cada um de nós é emissor e destinatário das mensagens que a todo instante surgem em nossas telas. Novas fronteiras para o poder traçadas nos caracteres do Twitter ou em *lives* pelo Facebook ou Instagram modificam os paradigmas até então concebidos. As mídias sociais fizeram parte das últimas eleições presidenciais em países como Estados Unidos e Brasil, e fazem parte da estratégia de comunicação de ambos os presidentes desses países em perfis pessoais.

Como semelhanças entre esses dois países a polarização política que acaba por tornar ações coletivas difíceis de serem adotadas. Uma análise dos tópicos de pesquisa no Google, entre 15 de fevereiro e 15 de março de 2020, demonstrou que, nos Estados Unidos, pessoas que vivem em estados de maior afluência republicana buscaram menos informações sobre o Covid-19. Essa tendência foi revertida em análise posterior, no entanto, as causas podem residir na polarização do Covid-19 a partir de mensagens em mídias sociais por parte de líderes republicanos e figuras da mídia[2].

A própria comunicação do presidente Trump é confusa. Se inicialmente adotou a postura de nomear o Covid-19 como um “hoax”, na semana seguinte afirmou que o vírus era real, e que sempre soube que se tratava de uma pandemia. Mesmo as análises nas buscas no Google podem camuflar o tipo de informação buscada.

O ponto a ser debatido é: os caracteres do Twitter, ou mesmo as fotos, vídeos e *lives* no Instagram e no Facebook tem o potencial de atingir um número de eleitores sem precedentes. A informação é difusa, e como dito privatizada, sociedades com visões acríticas e menor literacia tem maior possibilidade de sofrerem com o paradoxo do excesso de informação e a ausência de reflexão. A guerra ao inimigo comum transformou-se em guerra ideológica potencializada pelos modos como as mídias sociais foram desenhadas.

As mídias sociais criaram um mundo em que as fronteiras entre as verdades e as mentiras erodiram e a desinformação se espalha como um vírus. Ainda assim exemplos de boa comunicação em outros países demonstram que com responsabilidade e serenidade é possível contornar as *eco-chambers* das mídias sociais, ou ao menos mitigar seus efeitos, e informar os cidadãos com fatos sem vieses ideológicos.

Não sou contrária a tecnologia, como afirmei em artigo anterior entendo que a inteligência artificial, por exemplo, será e é capaz de grandes benefícios para o desenvolvimento da humanidade em diversas áreas, mas não sou, e não podemos ser, defensores acríticos de algoritmos que cada vez mais ditam nosso modo de vida, a forma como a informação nos é transmitida e o modo com que enxergamos o mundo em que vivemos.

[1] SUNSTEIN, Cass R. *#republic. Divided democracy in the age of social media*. New Jersey: Princeton University Press, 2017.

[2] In a pandemic, political polarization could kill people. Por Jay J. Van Bavel para o The Washington Post em matéria publicada em 22 de março de 2020.

Imagem (TheDigitalArtist) gratuita em Pixabay